

Economistas dizem que uma moeda conversível é projeto de longo prazo

Para especialistas, Brasil ainda tem muitos entraves ao fluxo livre de capitais

Júlio César Guimarães/20-09-1996

Ramona Ordoñez e
Ronaldo D'Ercole

• RIO e SÃO PAULO. O regime de livre conversibilidade da moeda, que o presidente Fernando Henrique Cardoso defende, em entrevista à "Folha de S. Paulo" na edição de ontem, deve ser encarado como um projeto apenas para o futuro, dizem economistas.

O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega disse que o Brasil não tem condições, no momento, de adotar o sistema, principalmente por causa do seu atual regime tributário — que não estimula exportações — e do seu sistema previdenciário que, com déficit, obriga o país a ter juros altos.

— O Brasil não está preparado agora mas é um objetivo de longo prazo — disse.

Segundo o ex-ministro, a livre conversibilidade da moeda não deve ser confundida com o sistema adotado pela Argentina, onde o peso tem paridade igual à moeda americana. Nesse caso, a emissão da moeda depende do estoque de dólares que o país tem.

— O caos tributário e a situação da previdência são dois grandes empecilhos para a conversibilidade da moeda. Nenhum país em desenvolvimento vive o caos tributário como o nosso, com exceção da Rússia — disse Mailson.

Paulo Nogueira defende mais controles

O ex-ministro explica que a conversibilidade não é um mecanismo para o desenvolvimento, mas sim uma consequência natural dele. E é alcançada naturalmente quando o país atinge um patamar de desenvolvimento econômico e institucional.

Para o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), de São Paulo, não há qualquer possibilidade de o Brasil adotar a conversibilidade da moeda a curto prazo. Em vez de eliminar de vez as restrições aos fluxos internacionais de capitais, Paulo Nogueira é enfático ao defender a adoção de maiores controles a esses fluxos.

— Como disse o presidente Fernando Henrique Cardoso, é verdade que nunca aceitamos a abertura total da economia. Mas, de forma prematura e mal feita, desde o início da década o país se abriu excessivamente, o que nos deixou muito vulneráveis, como mostraram as recentes crises internacionais — disse o economista.



MAILSON DA NÓBREGA: "O caos tributário e a situação da previdência são dois grandes empecilhos"

Paulo Nogueira observa que foram as crises enfrentadas pelos países emergentes nos anos 90 — do México, da Ásia e da Rússia, com seus reflexos para o Brasil — que mostraram a excessiva exposição das economias à movimentação dos capitais internacionais.

— O que temos que fazer é estudar formas restritivas, reintroduzir controles — disse.

O economista lembra que a escolha de novos mecanismos que reduzam a exposição das economias emergentes é uma questão já em estudo nos prin-

cipais organismos econômicos internacionais, como Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, além de ser objeto de pesquisa nas mais renomadas universidades do mundo.

Conversibilidade é tendência natural, diz Senna

— A conversibilidade é um processo longo. Para isso, o Brasil precisaria ter uma economia e uma moeda sólidas, o que só teremos daqui a algumas décadas — disse.

O economista José Júlio

Senna, ex-diretor do Banco Central, também concorda que, para um país que tem câmbio flutuante como o Brasil, a adoção de uma moeda conversível é o caminho natural, mas isso ainda está longe de acontecer. Para isso, um passo importante é unificar as regras para os diferentes tipos de transações com câmbio.

— Um dos caminhos para se chegar à conversibilidade é a retirada dos entraves para a movimentação de capitais estrangeiros no país e de capitais brasileiros para o exterior. ■